

John Bunyan

ORAÇÃO

Definição, Questionamentos E Prática



Oração

Definição, Questionamentos e Prática

John Bunyan

Sumário

Introdução	3
Definição – O Que é Oração?	4
Questionamentos – Perguntas e Respostas	11
Prática – Aplicação e Exortação	16
Uma Biografia de John Bunyan	27

Oração: Definição, Questionamentos e Prática¹

John Bunyan

A oração é uma ordenança de Deus para o uso tanto público como privado: Mais ainda, é uma ordenança que coloca aqueles que têm o espírito de súplica em estreita relação com Ele, e também possui efeitos tão notáveis que alcançam grandes coisas de Deus, tanto para uma pessoa que ora, como para aqueles por quem ela ora. Abre, por assim dizer, o coração de Deus, e, através dela, a alma mesmo quando vazia, é preenchida. Através da oração o cristão também pode abrir seu coração a Deus como o faria com um amigo, e obter um renovado testemunho de Sua amizade. Muitas palavras poderiam ser utilizadas aqui para distinguir entre oração pública e privada, assim como entre a do coração e a dos lábios. Também poderia dizer algo para fazer a diferença entre os dons e graças na oração, mas, deixando este método de lado, desta vez irei me ocupar somente em mostrar a alma da oração, sem a qual toda elevação de mãos, olhos ou vozes seria completamente desprovida de propósito.

[1] O Texto deste E-book é uma compilação de “Um Tratado Sobre Oração”, por John Bunyan, Publicado pelo site OEstandarteDeCristo.com em Novembro do ano de 2013. Você pode baixar o e-book deste tratado acessando este link: <<http://oestandartedecristo.com/site/wp-content/uploads/2013/12/Um-Tratado-Sobre-Oração-John-Bunyan.pdf>>

DEFINIÇÃO – O Que É Oração?

A oração é o derramar de modo sincero, consciente e amoroso o coração ou a alma diante de Deus, por meio de Cristo, no poder e ajuda do Espírito Santo, buscando as coisas que Deus prometeu, ou que estão em conformidade com a Sua Palavra, para o bem da igreja, com fiel submissão à Sua vontade.

Esta descrição contém, portanto, sete pontos. Orar é derramar seu coração ou a alma:

1. De modo sincero;
2. De modo consciente;
3. De modo afetuoso, derramando a alma diante de Deus, por meio de Cristo;
4. No poder ou ajuda do Espírito Santo;
5. Buscando as coisas que Deus prometeu, ou que estão em conformidade com a Sua Palavra;
6. Para o bem da igreja;
7. Com submissão fiel à Vontade de Deus.

1. Quanto ao primeiro ponto: É derramar de modo sincero a alma diante de Deus. A sinceridade é uma graça que faz parte de todas as demais que Deus nos concede, e todas as atividades do cristão são influenciadas por ela, caso contrário, Deus não as olharia. Isso acontece na oração, como particularmente disse Davi, falando sobre o assunto: “A ele clamei com a minha boca, e ele foi exaltado pela minha língua. Se eu atender à iniquidade no meu coração, o Senhor não me ouvirá” (Salmos 66:17-18).

A sinceridade é parte da oração, porque sem ela Deus não a considera como tal: “E buscar-me-eis, e me achareis, quando me buscardes com todo o vosso coração” (Jeremias 29:13. ACF). A Falta de sinceridade fez Jeová rejeitar as orações que nos fala em Oséias 7:14, onde diz: “E não clamaram a mim com seu coração” (isto é, em sinceridade), “mas uivam nas suas camas”. Mas oram para dissimular, para exhibir-se hipocritamente, para serem vistos pelos homens e aplaudidos por eles. A sinceridade é o que Cristo elogiou em Natanael, quando ele estava debaixo da figueira: “Eis um verdadeiro israelita, em quem não há dolo.” Provavelmente este bom homem havia estado derramando a sua alma a Deus em oração debaixo da figueira, fazendo-o com um espírito sincero e determinado diante do Senhor. A Oração que contenha esse elemento como um de seus principais ingredientes, é a oração que Deus escuta. Assim, vemos que “A oração do justo é o seu prazer” (Provérbios 15:8) Por que a sinceridade deve ser um

dos elementos essenciais da oração que Deus aceita? Porque a sinceridade induz a alma a abrir o coração perante Deus com toda simplicidade para apresentar o caso claramente, de forma inequívoca, reconhecer a culpa sem falsidade, a clamar a Deus desde o mais profundo de seu coração, sem palavras ocas e artificiais.

“Bem ouvi eu que Efraim se queixava, dizendo: Castigaste-me e fui castigado, como novilho ainda não domado... [Jeremias 31:18a]”. A sinceridade é a mesma quando é silenciada em um canto ou quando ela se apresenta para o mundo. Não sabe levar duas máscaras, uma para aparecer, diante dos homens e outra para breve momentos, passados em solidão. Ela se oferece ao olho perscrutador de Deus, e anela se ocupar no dever da oração. Não possui apreço pelo esforço dos lábios, pois sabe que o que Deus vê é o coração - do qual brota - para ver se a oração é acompanhada pela sinceridade.

2. É derramar de um modo sincero e consciente o coração ou alma. Não se trata, como muitos pensam, de algumas expressões balbuciantes, de uma conversa lisonjeira, senão de um movimento consciente do coração. A oração contém um elemento de múltipla e genuína sensibilidade: algumas vezes para o peso que representa o pecado, outras a ação de graças pelas misericórdias recebidas, outras para a vontade de Deus a conceder Sua misericórdia, etc.

(a) A consciência da necessidade de misericórdia, por causa do perigo do pecado. A alma, digo, passa por uma experiência na qual suspira, geme, e o pecado a entristece, pois a verdadeira oração, da mesma forma que o sangue brota da carne quando é aprisionada por cadeias de ferro, expressa balbuciante o que procede do coração quando ele está sobrecarregado com dor e amargura. Davi grita, clama, chora, desmaia em seu coração, seus olhos lhe falham, se secam, etc. Ezequias lamentou-se queixosamente como uma pomba; Efraim se lamenta; Pedro chorou amargamente; Cristo experimentou o que é “Grande clamor e lágrimas”; e tudo isso por estar ciente da justiça de Deus, da culpa do pecado, das dores do inferno e da destruição. “Os cordéis da morte me cercaram, e angústias do inferno se apoderaram de mim; encontrei aperto e tristeza. Então invoquei o nome do Senhor” (Salmos 116:3-4). E em outro lugar: “A minha mão se estendeu de noite” (Salmo 77:2). E também: “Estou encurvado, estou muito abatido, ando lamentando todo o dia.” (Salmos 38:6). Em todos estes exemplos, e muitíssimos outros que poderiam ser citados, pode ser visto que a oração envolve uma profunda consciência motivada, principalmente, pela experiência do pecado.

(b) Às vezes alguém é gratamente consciente da misericórdia que recebe; misericórdia que alenta, conforta, fortalece, anima, ilumina, etc. Assim, vemos como Davi derrama a sua alma para abençoar, louvar e magnificar o Grande Deus por Sua bondade para com

seres tão pobre, vis e miseráveis: “Bendize, ó minha alma, ao SENHOR, e tudo o que há em mim bendiga o seu santo nome. Bendize, ó minha alma, ao Senhor, e não te esqueças de nenhum de seus benefícios. Ele é o que perdoa todas as tuas iniquidades, que sara todas as tuas enfermidades que redime a tua vida da perdição; que te coroa de benignidade e de misericórdia, que farta a tua boca de bens, de sorte que a tua mocidade se renova como a da águia” (Salmos 103:1-5). E assim, a oração dos santos converte-se, às vezes, em louvor e ações de graças, mas nem por isto deixa de ser oração. Este é um mistério: o povo de Deus ora com seus louvores, como está escrito: “Não estejais inquietos por coisa alguma; antes as vossas petições sejam em tudo conhecidas diante de Deus pela oração e súplica, com ação de graças.” (Filipenses 4:6). A ação de graças oferecida com plena consciência é uma poderosa oração ao olhos de Deus, que prevalece ante Ele de modo inefável.

(c) Na oração, a alma se expressa, por vezes, como já sabendo as bênçãos que há de receber, e isso faz com que o coração se inflame: “Pois tu, Senhor dos Exércitos”, diz Davi, “Deus de Israel, revelaste aos ouvidos de teu servo, dizendo: Edificar-te-ei uma casa. Portanto o teu servo se animou para fazer-te esta oração.” (2 Samuel 7:27). Esta confiança é que moveu Jacó, Davi, Daniel e outros, à experiência prévia das misericórdias que receberiam. Sem transes nem êxtase, sem balbuciar de maneira néscia e oca algumas palavras escritas em um papel, mas com o poder, com fervor e sem cessar estes homens apresentaram gemendo sua condição diante de Deus, experimentando, como eu disse, as suas necessidades, sua miséria e confiando em Seus propósitos de misericórdia.

Além disso, orar é derramar o seu coração e alma. Há na oração um ato em que o íntimo se revela, em que o coração se rende a Deus, que a alma se derramado afetuosamente em forma de petições, suspiros e gemidos: “Senhor, diante de ti está todo o meu desejo — diz Davi no Salmo 38: 9 — e o meu gemido não te é oculto.” E também: “A minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo; quando entrarei e me apresentarei ante a face de Deus? Quando me lembro disto, dentro de mim derramo a minha alma” (Salmo 42:2-4). Note que diz: “Derramo minha alma”, um termo que significa que na oração a própria vida assim como todas as nossas forças, voam para Deus. Como diz em outro lugar: “Confiai nele, ó povo, em todos os tempos; derramai perante ele o vosso coração” (Salmos 62:8). Esta é a oração em que tem sido dada a promessa de libertação para a pobre criatura cativa no cativeiro. “Então dali buscarás ao Senhor teu Deus, e o acharás, quando o buscares de todo o teu coração e de toda a tua alma” (Deuteronômio 4:29).

Continuemos: Orar é derramar o coração e alma a Deus. Isso também mostra a excelência do espírito de oração. É para a presença do Grande Deus onde a oração se retirada: “Quando virei e compareci diante de Deus” A alma que realmente assim ora, vê

a vaidade de todas as coisas debaixo do céu; vê que só em Deus há descanso e satisfação para ela. A viúva e a desolada depositam sua confiança em Deus. Portanto, Davi diz: “Em ti, SENHOR, confio; nunca seja eu confundido. Livra-me na tua justiça, e faze-me escapar; inclina os teus ouvidos para mim, e salva-me. Sê tu a minha habitação forte, à qual possa recorrer continuamente. Deste um mandamento que me salva, pois tu és a minha rocha e a minha fortaleza. Livra-me, meu Deus, das mãos do ímpio, das mãos do homem injusto e cruel. Pois tu és a minha esperança, Senhor DEUS; tu és a minha confiança desde a minha mocidade” (Salmo 71:1-5). Muitos falam de Deus com discursadeira, mas a verdadeira oração faz dEle sua esperança, seu auxílio, e seu tudo. A verdadeira oração não vê nada de substancial ou de valor, exceto Deus. E ele o faz (como eu disse antes), de modo sincero, consciente e afetuoso.

Seguiremos dizendo que a oração é derramar o coração e a alma de modo sincero, consciente e afetuoso através de Cristo. Faz-se necessário acrescentar que é através de Cristo. Caso contrário, cabe duvidar se é oração, mesmo que se empregue muita pompa e eloquência.

Cristo é o caminho pelo qual a alma tem acesso a Deus, e sem o qual é impossível que um único desejo chegue aos ouvidos do Senhor dos Exércitos: “Se pedirdes alguma coisa em Meu Nome, tudo o que pedirdes ao Pai em Meu Nome, será feito”. Esta foi a maneira que Daniel orou pelo povo de Deus, em nome de Cristo: “Agora, pois, ó Deus nosso, ouve a oração do teu servo, e as suas súplicas, e sobre o teu santuário assolado faze resplandecer o teu rosto, por amor do Senhor” (Daniel 9:17). E o mesmo Davi: “Por amor do teu nome (ou seja, por amor do Teu Cristo), Senhor, perdoa a minha iniquidade, pois é grande.” (Salmo 25:11). Agora, isso não quer dizer que todos os que proferem o Nome de Cristo em suas orações está realmente orando em Seu nome. O chegar-se a Deus através de Cristo é a parte mais difícil da oração. O homem pode mais facilmente experimentar Suas obras, e até mesmo desejar sinceramente Sua misericórdia, do que pode ir a Deus através de Cristo. Aquele que vem a Deus através de Cristo deve conhecê-IO primeiramente: pois aquele que se aproxima a Deus deve crer que Ele existe. E também o que se aproxima de Deus deve conhecer a Cristo “rogo-te que me faças saber o teu caminho” — diz Moisés — “e conhecer-Te-ei” (Êxodo 33:13).

Somente o Pai pode revelar a este Cristo. E vir por meio de Cristo é um poder de Deus que é dado à alma para abrigar-se na sombra do Senhor Jesus, como aquele que se abriga em um refúgio. Por isso, Davi chama Cristo, muitas vezes, seu escudo, torre, fortaleza, rocha de confiança, etc. E dá-Lhe esses nomes, não só porque Ele venceu seus inimigos, mas porque achou favor junto a Deus Pai. Para Abraão foi dito: “Não temas, Abrão, eu sou o teu escudo”, etc. (Gênesis 15:1). Então, quem se aproxima de Deus por meio de Cristo deve de ter fé, por meio da qual é revestido por Ele, e Ele aparece diante

de Deus. Pois bem, aquele que tem fé é nascido de Deus, nascido de novo, e, portanto, torna-se um de Seus filhos, em virtude disto está unido a Cristo e feito um membro seu. Por conseguinte, uma vez que foi feito um membro de Cristo, tem acesso a Deus. Digo membro de Cristo, pela maneira como Deus o considerado como parte de Seu Filho, como parte de Seu corpo, de sua carne e de Seus ossos, unidos a Ele pela eleição, pela conversão, pela iluminação. Deus coloca o Espírito no coração deste pobre homem, de modo que agora se achega a Deus em virtude dos méritos de Cristo, em virtude de Seu sangue, Sua justiça, Sua vitória, Sua intercessão. E este está perante Ele, sendo aceito em Seu Filho amado. Sendo assim, esta pobre criatura [torna-se] membro do Senhor Jesus, e, portanto, tem acesso ao trono de Deus, em virtude desta união, uma vez que o Espírito Santo também está nele, habilitando-o a derramar sua alma diante de Deus e a ser ouvido.

4. Orar é derramar o coração e alma de modo sincero, consciente e afetuoso diante Deus por meio de Cristo, no poder e ajuda do Espírito. Essas coisas dependem de tal modo umas das outras, que é impossível que haja oração sem que todas elas cooperem. Por mais excelente que seja o nosso discurso, Deus rejeita toda súplica que não possua estas características. Se não se derrama coração sincera, consciente e afetosamente diante dEle, e isso por meio de Cristo, não se faz outra coisa senão um mero esforço de lábios, o que está longe de ser agradável aos ouvidos de Deus. Assim também, se não é no poder e ajuda do Espírito, é como o fogo estranho que ofereceram os filhos de Arão (Levítico 10:1). Porém disto falarei mais largamente mais adiante. Entretanto, concluímos que aquilo que não se pede por meio dos ensinamentos e ajuda do Espírito não pode estar de acordo com a vontade de Deus.

5. Orar consiste em derramar o coração e alma de maneira sincera, consciente e afetuosa diante Deus por meio de Cristo, no poder e ajuda do Espírito, pedindo o que Ele prometeu, e que está de acordo com a Sua Palavra. A oração é oração, quando está dentro do âmbito e do propósito da Palavra de Deus, pois quando a petição está em desacordo com Livro, é uma blasfêmia, ou pelo menos, “conversas vãs”. Por isto Davi, em sua oração, não apartava seus olhos da Palavra de Deus: “A minha alma está pegada ao pó; vivifica-me segundo a Tua palavra.” (Salmo 119:25). E também: “Lembra-te da palavra dada ao teu servo, na qual me fizeste esperar.” (Salmo 119:49). Certamente o Espírito Santo não vivifica nem move diretamente o coração do cristão sem a Palavra, mas por, com e através dela, trazendo-a ao coração, e abrindo este, por meio da qual o homem é levado a impulsionada a se achegar ao Senhor, e contar-Lhe a sua condição, e também a argumentar e suplicar conforme a Sua palavra. Assim ocorreu no caso de Daniel, aquele poderoso profeta do Senhor. Compreendendo pelos livros que o cativo dos filhos de

Israel estava chegando ao fim, ora a Deus de acordo com a Palavra: “Eu, Daniel, entendi pelos livros (os escritos de Jeremias) que o número dos anos, de que falara o Senhor ao profeta Jeremias, em que haviam de cumprir-se as desolações de Jerusalém, era de setenta anos. E eu dirigi o meu rosto ao Senhor Deus, para o buscar com oração e súplicas, com jejum, e saco e cinza.” (Daniel 9:2-3). Por todas estas razões, o Espírito é o ajudador e guia da alma, quando esta ora de acordo com a vontade de Deus, é o mesmo Espírito que a governa segundo a Palavra de Deus e Sua promessa. Portanto, o próprio nosso Senhor Jesus foi retido em uma ocasião, como se sua vida dependesse disso: “Posso, agora, orar a meu Pai, e Ele me daria mais de doze legiões de anjos, mas como se cumpriram as Escrituras, que dizem que assim convém que aconteça?” Como dizendo: Se houvesse tão somente uma palavra sobre Ele nas Escrituras, logo estaria longe das mãos dos meus inimigos, os anjos me ajudariam. A Escritura não justifica esse tipo de oração. Devemos orar de acordo com a Palavra e com a promessa. O Espírito levará através da Palavra, tanto na maneira como no tema da oração. “Orarei com o espírito, mas também orarei com o entendimento” (1 Coríntios 14:15). Mas não há entendimento sem a Palavra, pois sem ela, que sabedoria há?

6. Para o bem da Igreja. Essa cláusula abrange tudo o que tende para a glória de Deus, o louvor de Cristo, ou o proveito de seu povo; pois Deus, Cristo e Seu povo estão unidos de tal maneira, que se orarmos para o bem de uma, a saber, a igreja, a oração, se ora necessariamente pela glória de Deus e pelo louvor de Cristo. Porque, assim como Cristo está no Pai, os santos estão em Cristo, e aquele que toca nos santos, toca na menina dos olhos de Deus. Oraí, pois, pela paz de Jerusalém e orareis por tudo o que deveis, Jerusalém não terá jamais paz perfeita até estar no céu, e não há nada que Cristo deseja mais do que tê-la ali, no lugar que Deus, por meio de Cristo, lhe deu. Assim, pois, o que ora pela paz e pelo bem de Sião, ou a igreja, pede em oração o que Cristo comprou com seu sangue e o que o Pai lhe deu.

Pois bem, o que ora pedindo isto, tem de fazê-lo pedindo a abundância da graça para a igreja; ajuda contra todas as tentações; pedindo que Deus não permita que nada a aflija demasiado e arduamente, que todas as coisas cooperem para o seu bem, que Ele lhes guarde irrepreensíveis e sinceros, para Sua glória, crianças sem culpa em meio a uma geração maligna e perversa. Esta é a essência da oração de Cristo em João 17. E todas as orações de Paulo seguiam este curso, como nos mostra o texto bíblico: “E peço isto: que o vosso amor cresça mais e mais em ciência e em todo o conhecimento, para que aproveis as coisas excelentes, para que sejais sinceros, e sem escândalo algum até ao dia de Cristo; cheios dos frutos de justiça, que são por Jesus Cristo, para glória e louvor de Deus” (Filipenses 1:9-11). Como vocês veem podem ver, é uma frase curta, mas bela e de bons desejos para a igreja, do começo ao fim, para que este firme e persevere,

manifestando-se na melhor disposição espiritual, ou seja irrepreensivelmente, com sinceridade e sem ofensa até o dia de Cristo, quaisquer que sejam as tentações ou perseguições a que vocês estiverem submetidos.

7. A Oração se submete à vontade de Deus e diz, assim como Cristo ensinou: “Seja feita vossa vontade”. Por meio da qual, o povo de Deus, com toda a humildade, há de colocar-se a si mesmo, as suas orações e tudo que tem, aos pés de seu Deus, para que Ele possa dispor deles segundo melhor Lhe agrade em Sua sabedoria celestial. E, sem dúvida, que Ele responderá ao desejo de seu povo da maneira mais conveniente para eles e para a Sua própria glória. Por conseguinte, quando os santos oram submissos à vontade de Deus, não significa que eles devem colocar em dúvida o Seu amor e bondade para com eles, mas que, devido a que nem sempre são igualmente prudentes, circunstância que às vezes Satanás se aproveita para tentar-lhes a orar por aquilo que, se alcançado, não redundaria em glória de Deus e nem no bem de Seu povo, temos esta confiança nEle, que se pedirmos alguma coisa segundo a Sua vontade, Ele nos ouve. E, se sabemos que Ele nos ouve em tudo o que pedimos, sabemos que temos as petições que lhe houvermos pedido, ou seja, pedindo-lhe no espírito de graça e de súplicas. Mas, como eu disse antes, a petição que não for apresentada em e por meio do Espírito, não será tendida, por ser alheia à vontade de Deus, pois somente o Espírito a conhece, e, portanto, é o único que sabe como orar em conformidade: “Porque, qual dos homens sabe as coisas do homem, senão o espírito do homem, que nele está? Assim também ninguém sabe as coisas de Deus, senão o Espírito de Deus” (1 Coríntios 2:11). Mais adiante voltaremos a este ponto.

QUESTIONAMENTO – Perguntas E Respostas

E agora, respondo uma ou duas perguntas, e então passo para o outro ponto.

Pergunta 1. Mas o que faremos nós, pobres criaturas, que não sabemos orar? O Senhor sabe que eu não sei como se deve orar nem o que se deve pedir.

Resposta. Pobre coração! Te lamentas de que não sabes orar? Podes ver tua miséria? Deus te há mostrado que por natureza está debaixo da maldição de sua Lei? Se assim for, não erres; sei que gemes, e de fato, mui amargamente. Estou persuadido de que apenas não podes fazer qualquer coisa em seu trabalho diário sem que a oração brote de teu peito. Não subiram teus lamentos aos céus desde de todos os cantos da tua casa? Sei que é assim; e também teu próprio coração pesaroso testifica de tuas lágrimas, do esquecimento de tua vocação etc. Não é verdade que o teu coração está tão cheio de desejos pelas coisas da outra vida, que às vezes te esqueces até mesmo deste mundo? Leia Jó 23:12.

Pergunta 2. Sim, mas quando eu vou para a minha câmara secreta e trato de derramar minha alma diante de Deus, não consigo dizer absolutamente nada.

Resposta.

(A) Ah, querida alma! Não é às tuas palavras que Deus presta mais atenção, de maneira que não te escutes se não te apresentas diante dEle com um discurso eloquente. Não; seus olhos estão postos no quebrantamento de teu coração, e isto é que faz com que os próprios afetos do Senhor transbordem: “a um coração quebrantado e contrito não desprezarás, ó Deus.” (Salmo 51:17).

(B) A escassez de tuas palavras podem ser devido à muita tristeza do teu coração. Davi estava às vezes tão angustiado que não podia falar (Salmo 77:3, 4). Entretanto, há algo que pode servir de consolo para todos os corações pesarosos como tu, a saber: Embora, devido à angústia de espírito não podes falar muito, o Espírito Santo coloca em teu coração gemidos e suspiros mais veementes, mesmo quando sua boca está fechada, o teu espírito não! Moisés, como já dissemos, fez ressoar o céu com as suas orações, bem, que não lemos que saíra uma única palavra de sua boca. Porém...

(C) Se desejas expressar-te mais plenamente ao Senhor, considere, primeiramente, tua condição corrompida, em segundo lugar, as promessas de Deus, e em terceiro lugar, o coração de Cristo, que tu podes conhecer ou discernir por Sua condescendência e o

derramamento de Seu sangue que outorgou anteriormente a grandes pecadores. Apresenta, pois, tua própria vileza, como lamentação; o sangue de Cristo, como argumento; e em tuas orações, que a misericórdia que Ele tem concedido a outros grandes pecadores antes, junto com suas abundantes promessas de graça, abundem em teu coração. Ao mesmo tempo, permita-me que Lhe aconselhe o seguinte: não te contentes com palavras, nem tampouco creias que é para estas que Deus olha unicamente; porém tantos se tuas palavras são poucas ou muitas, que teu coração as acompanhe. Então Lhe buscarás e Lhe encontrarás, porque Lhe buscarás de todo o teu coração (Jeremias 29:13).

Pergunta 3. Mas se, aparentemente, você tem falado contra todas as formas de orar que não seja pelo Espírito Santo, porque tu dás instruções agora?

Resposta. Devemos exortar uns aos outros à oração, ainda que não devemos dar fórmulas de oração. Exortar à oração com instruções cristãs é uma coisa; e escrever fórmulas para limitar o Espírito de Deus, é outra. O apóstolo não dá a mínima fórmula de oração, porém insta conosco a orar (Efésios 6:18, Romanos 15:30-32). Portanto, ninguém deve tirar a conclusão de que, por darmos instruções referentes à oração, é lícito instituir fórmulas de oração.

Pergunta 4. Mas, se nós não usamos fórmulas de oração, como ensinaremos nossos filhos a orar?

Resposta. Minha opinião é que os homens seguem um método errado para ensinar seus filhos a orar, ensinando-lhes precocemente a recitar frases, como é comum em muitas pobres criaturas.

Parece-me muito melhor dizer-lhes que por natureza são criaturas malditas, que estão debaixo da ira de Deus por causa do pecado original e do seu próprio; explicar-lhes também qual é natureza da ira de Deus, e a duração da miséria. Se isto se faz consciente, saberão orar muito mais cedo. A maneira de aprender a orar é através da convicção de pecado, um método que também serve para ensinar nossos amados filhinhos. Fazê-lo de outra maneira, ou seja, esforçar-se para ensinar às crianças fórmulas de oração, antes que saibam qualquer outra coisa, é a melhor maneira de torná-los hipócritas malditos, e para inchar-lhes de orgulho. Ensinem, pois, os vossos filhos a conhecer o infeliz estado e condição em que se encontram. Falando-lhes do fogo do inferno, e de seus pecados; da perdição e da salvação, da maneira de escapar de uma e gozar da outra (se é que vocês [pais] as conhecem), e isso fará com que as lágrimas

brotem de seus olhos, e que sinceros lamentos saltem de seus corações. Então poderão dizer-lhes a que devem orar, e em que nome. Poderão também falar-lhes sobre as promessas de Deus, e de sua eterna graça estendida aos pecadores segundo a Palavra.

Ah! Pobres filhos queridos! Que o Senhor abra seus olhos e faça deles cristãos santos. Davi diz: “Vinde, meninos, ouvi-me; eu vos ensinarei o temor do Senhor.” (Salmo 34:11).

Certamente ele não diz: “vou amordaçá-los mediante uma fórmula de oração”, mas “vos ensinarei o temor do Senhor”, o que significa: “Vos ensinarei a ver o seu triste estado natural, e instruí-los na verdade do Evangelho, o qual, por meio do Espírito, gerará oração em todo aquele que em verdade o aprende”. Quanto mais ensinarem isso a seus filhos, mais eles derramaram seus corações em oração a Deus.

Deus nunca considerou a Paulo como homem de oração, nem tampouco terá a outros, até que ele foi convicto e convertido (Atos 9:11).

Pergunta 5. Mas como se explica o fato dos discípulos pedirem a Cristo para ensiná-los a orar, como também João ensinava aos seus, e, em seguida, Ele fez a fórmula que hoje chamamos de “Pai Nosso”?

Resposta. Não somente os discípulos, mas nós também queremos ser ensinados por Cristo, e uma vez que não está aqui pessoalmente para nos ensinar, que Ele o faça pela Sua Palavra e pelo Seu Espírito, pois Ele disse que enviaria o Espírito para substituí-lo quando Ele partisse (João 14:16 e 16:17).

Quanto ao que se tem chamado de fórmula, eu não posso crer que o propósito de Cristo fora dá-lo como tal e de uma maneira tão restritiva, por duas razões:

(1) Porque Ele mesmo ensina o contrário, segundo se infere consultando Mateus 6 e Lucas 11. Enquanto que se houvesse dado uma fórmula de oração inalterável, Ele não a teria alterado.

(2) Não pensamos que os apóstolos hajam, jamais, observado semelhante fórmula, nem tampouco que exortaram outros a fazê-lo. Esquadrinhe todas as suas epístolas, e percebam que, ainda que eles eram tão eminentes como qualquer outro no que diz respeito ao conhecimento para discernir e fidelidade para praticar, não oravam segundo o mundo mais tarde, quis impor.

Mas, em suma, cremos que Cristo, com estas palavras (“Pai Nosso”, etc.) Efetivamente instrui aos Seus sobre os princípios que devem ser observados em suas oração a Deus:

(1) Orar com fé.

(2) Ore a Deus no céu.

(3) Pedir o que é conforme a sua vontade, etc. Ou seja, que esta oração constitui um modelo ou padrão para a oração.

Pergunta 6. Mas Cristo manda orar pedindo o Espírito, isto significa que os homens sem o Espírito também podem orar e serem ouvidos? Veja Lucas 11:9-13.

Resposta. O discurso de Cristo, neste caso, é dirigido aos Seus discípulos, e aos que são Seus (v. 1).

Quando Cristo lhes diz que Deus daria o seu Espírito Santo para aqueles que o pedissem, devemos entender este dom como um acréscimo, porque se tratava dos discípulos, os quais já tinham certa medida do Espírito. Ele diz: “Quando orardes, dizei: Pai nosso...” (v. 2). “Digo-vos” (v. 8). “E eu vos digo” (v. 9). “Pois se vós, sendo maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais dará o Pai celestial o Espírito Santo àqueles que lho pedirem?” Os cristãos, embora Deus já lhes tenha dado, devem orar pedindo o Espírito, isto é, mais dEle.

Pergunta 7. Então, só deveriam orar os que sabem que são discípulos de Cristo?

Resposta. Correto.

1. Que toda alma que aspira a ser salva se derrame diante de Deus, ainda que pela tentação não possa deduzir que é um filho Seu. E...

2. Se a graça de Deus está nele, será tão natural para ele gemer por sua condição como para o bebê pedir o peito. A oração é uma das primeiras coisas que revelam que um home é cristão (Atos 9:11). E se esta oração é como convêm, terá o seguinte caráter:

(A) Desejando Deus em Cristo, por Ele mesmo, por Sua santidade, amor, sabedoria e glória. A verdadeira oração, que vai a Deus por meio de Cristo, está centrada n’Ele e somente n’Ele: “Quem tenho eu no céu senão a ti? e na terra não há quem eu deseje além de ti” (Salmo 73:25).

(B) Poder gozar continuamente em sua alma a comunhão com Ele, tanto aqui como no porvir: “eu me satisfarei da tua semelhança quando acordar.” (Salmo 17:15). “E por isso também gememos, desejando ser revestidos da nossa habitação, que é do céu” (2 Coríntios 5:2).

(C) A verdadeira oração é acompanhada por um esforço contínuo por aquilo por que se ora: “A minha alma anseia pelo Senhor, mais do que os guardas pela manhã” (Salmo 130:6). “Levantar-me-ei... buscarei aquele a quem ama a minha alma” (Cantares 3:2). Lhes rogo que observem como há duas coisas que induzem à oração: uma é a aversão ao pecado e às coisas desta vida, a outra é um desejo anelante de comunhão com Deus em um estado de santidade. Compare somente isso com a maior parte das orações que os homens fazem, e se comprovará que não são senão um escárnio, a respiração de um espírito abominável. A maioria dos homens, ou absolutamente não oram, ou se ocupam em zombar de Deus e do mundo ao fazê-lo. Para isto, confronte (veja com atenção esta parte fiz “modificação” para ganhar significado) as suas orações com a sua maneira de viver, e verão facilmente que o conteúdo delas [das orações] é o que menos procuram em suas vidas. Que triste hipocrisia!

Mostrei, então, brevemente: 1. O que é a oração. 2. O que é orar com o Espírito. 3. O que é orar com o Espírito e com o entendimento também. Vamos agora uma palavra de aplicação e conclusão.

PRÁTICA – Aplicação e Exortação

Em primeiro lugar umas palavras de instrução.

Uma vez que a oração é dever de todos e cada um dos filhos de Deus, dever mantido na alma pelo Espírito de Cristo, todo aquele que se propõe a ocupar-se em oração ao Senhor deve ser extremamente cuidadoso, e preparar-se para fazer isso com especial temor de Deus, e com a esperança posta em Sua misericórdia por meio de Jesus Cristo.

A oração é uma ordenança de Deus na qual o homem se aproxima mais a Ele, portanto, todo aquele que está em Sua presença, necessita tanto mais da ajuda de Sua graça, para orar como convém. É uma vergonha para um homem o comportar-se irreverentemente ante a um rei, porém fazê-lo ante Deus não é só vergonha, mas pecado. E assim como um rei, se for sábio, não se agrada de um discurso composto de palavras e gestos indecorosos, tampouco Deus se compraz no sacrifício dos tolos (Eclesiastes 5:1, 4). Não são os longos discursos nem a linguagem eloquente que agrada aos ouvidos do Senhor, mas um coração humilde, quebrantado e contrito. Portanto, receba a instrução de que as seguintes cinco coisas são obstáculos para a oração, e até mesmo tornam vãs as petições da criatura:

1. Quando os homens olham para a iniquidade em seu coração no momento de orar diante de Deus: “Se eu atender à iniquidade no meu coração, o Senhor não me ouvirá” (Salmo 66:18). Quando há um amor secreto por aquele contra o qual, com teus lábios hipócritas, pedes forças [para combater]. Nisto consiste a impiedade e perversidade do coração humano, que buscará amar e reter mesmo aquilo contra o qual ele ora: com seus lábios honra a Deus, mas o seu coração está longe dEle (Mateus 15:8). Que desagradável seria ver um mendigo pedindo esmolas com a intenção de lançá-las aos cães! O que primeiro disse: “Rogo-te, que me dê isso”, e depois: “Não me dê isso” E isso é precisamente o que acontece com este tipo de pessoas, com a boca dizem: “Faça-se Tua vontade”, e com o coração o desmentem, com a boca, dizem: “Santificado seja o Teu nome”, e com o coração e com a vida se deleitam em desonrar-lhe todo o dia. Estas são as orações que se tornam em pecado (Salmos 109:7), e embora orem amiúde ao Senhor, Ele jamais lhes responderá (2 Samuel 22:42).

2. Quando os homens oram para serem vistos, para serem ouvidos, e para serem tidos por pessoas mui religiosas, e para coisas semelhantes a estas.

Estas orações tampouco têm a aprovação de Deus, e é possível que jamais sejam atendidas com vistas à vida eterna.

Existem dois tipos de homens que oram com este fim. (A) Estes capelães de mesa que se introduzem nas famílias dos ricos simulando render culto a Deus — quando na verdade a sua ocupação principal é satisfazer os seus ventres, os quais têm sido notavelmente tipificados pelos profetas de Acabe, e pelos de Nabucodonosor, que, embora fingindo grande devoção, suas concupiscências e seus ventres eram o grande objetivo final que perseguiam em suas vidas e em todas as suas atividades devocionais. (B) Também aqueles que buscam fama e aplausos por sua eloquência, e procuram, acima de tudo, agradar os ouvidos e os cérebros de seus ouvintes. Estes são aqueles que “oram para ser ouvidos pelos homens”, os quais têm já a sua recompensa (Mateus 6:5).

Estas pessoas são descobertas da seguinte maneira: se expressam tendo em conta somente o auditório, esperando receber depois os elogios. Seus corações se elevam e decaem segundo os elogios e congratulações que lhes são tributados. Eles gostam de orar de forma prolífica, e para consegui-lo, repetem desnecessariamente as coisas uma e outra vez. Não lhes importa de onde vêm os elogios. Seus louros são os aplausos calorosos dos homens e, portanto, não lhes agrada entrar em sua câmara secreta, senão estar entre os muitos. Porém, se alguma vez a consciência lhes impele a orar sozinhos, a hipocrisia fará com que lhes ouça nas ruas, e quando sua boca termina, acabam-se as suas orações, pois não aguardam para ouvir o que dirá o Senhor (Salmo 85:8).

3. Uma terceira classe de orações que Deus não aceitará é a que pede coisas injustas, ou coisas justas, mas para gastar em deleites, e pensadas com fins injustos: “nada tendes, porque não pedis. Pedis, e não recebeis, porque pedis mal, para o gastardes em vossos deleites.” (Tiago 4:2, 3). Ter propósitos contrários à palavra de Deus é um argumento de peso para que Ele não atenda às petições que lhe são apresentadas. Para isso existem tantos que oram por tal e tal coisa, e não a recebem. A única resposta de Deus é o silêncio. Em troca de seus esforços, eles são recompensados por suas próprias palavras, e isso é tudo.

Pergunta. Mas não é verdade que Deus ouve a certas pessoas ainda que seus corações não sejam conformes ao seu mandamento, como no caso de Israel, ao dar-lhes codornizes que eles usaram em seus deleites?

Resposta. Se isso acontecer, é em juízo, e não em misericórdia. Certamente deu-lhes o que eles queriam, porém melhor houvera sido para eles não haverem recebido, pois Ele

enviou magreza às suas almas (Salmo 106:15). Ai do homem a quem Deus responde desta maneira!

4. Há um outro tipo de oração que não é respondida, e é a que os homens oferecem e apresentam diante de Deus apenas em seu próprio nome, sem comparecer no Nome do Senhor Jesus. Pois, embora Deus tenha instituído a oração, e prometido ouvir suas criaturas, isso não significa que ouça aqueles que não tenham o nome de Cristo: “Se pedirdes alguma coisa em meu nome, eu o farei” (João 14:14)”. Portanto, quer comais quer bebais, ou façais outra qualquer coisa, fizeti tudo para glória de Deus.” (1 Coríntios 10:31).

Se me pedirdes alguma coisa em meu nome, etc., por mais devotos e zelosos, ferventes e constantes na oração que seiais, somente em Cristo haveis de serem ouvidos e aceitos. Contudo, é uma pena que a maioria dos homens não saibam o que é vir a Ele em nome de nosso Senhor Jesus, o qual é a razão de que vivam como ímpios, orem como ímpios e morram como ímpios. Ou, visto de outra forma, que não cheguem a outra coisa senão a que o homem natural pode fazer, isto é, para ser mais exato em suas palavras e ações no trato com os seus semelhantes, e comparecer diante de Deus sem outra coisa senão com a sua própria justiça.

5. O último que mencionaremos como impedimento à oração é a confiança na forma da mesma, esquecendo a sua virtude. É fácil que os homens sintam predileção fanática por tal fórmula de oração, como a encontra escrita em algum livro, mas, em troca, esquecem completamente de indagarem a si mesmos se eles têm o espírito e o poder. Assemelham-se a homens pintados e falando em voz de falsete. São a viva representação da hipocrisia, e suas súplicas abominação. Quando eles dizem que derramaram a sua alma diante de Deus, Ele responde que, na verdade, tem uivado como cães (Oséias 7:14).

Por conseguinte, quando te propor ou pensares em orar ao Senhor do céu e da terra, considere os seguintes pontos:

(1) Pense seriamente no que necessitas e desejas. Não faça como muitos, que com as suas palavras não fazem nada, senão ferir o ar, e pedem o que não querem nem necessitam.

(2) Quando vê o que você necessita, não se te desvies disto, cuide de orar sincera e inteligentemente.

Pergunta. Então, se eu não sinto necessidade de nada, não devo orar?

Resposta:

1. Se descobres que és insensível ao extremo, não poderás clamar por tua insensibilidade se há anos não és sensibilizado. É o que se poderia chamar de experiência da insensibilidade. Assim, pois, ore conforme ao que sentes ser tua necessidade, e se te dá conta de tua falta de sensibilidade espiritual, ore ao Senhor pedindo que te faça experimentar Sua ausência.

Este tem sido o método dos santos homens de Deus: “Faze-me conhecer, Senhor, o meu fim,” (Salmo 39: 4); “E os seus discípulos o interrogaram, dizendo: Que parábola é esta?” (Lucas 8, 9). A promessa diz: “Clama a mim, e responder-te-ei, e anunciar-te-ei coisas grandes e firmes que não sabes.” (Jeremias 33:3).

2. Cuide para que o seu coração se eleve a Deus ao mesmo tempo em que sua boca: não deixes que esta vá além de onde tu procuras colocar aquele. Davi levantava seu coração e sua alma ao Senhor, e tinha boas razões para fazê-lo, pois se o coração do homem não vai onde sua boca, suas palavras não são mais do que meras honras de lábios; e ainda que Deus pede e aceita os sacrifícios de lábios, estes, por si só, sem o coração, demonstram não somente falta de sensibilidade verdadeira, mas também a ignorância desta falta.

Então, se pensas em ser prolixo diante de Deus, procures que seja com o coração.

3. Cuidado com as expressões patéticas, e com o agradecer-se em seu uso, esquecendo onde está a verdadeira vitalidade da oração.

Terminarei esta seção com uma ou duas advertências.

A primeira: Cuidado com rejeitar a oração por causa da súbita convicção de que você não tem o Espírito Santo e nem oras com Ele. A grande obra do Diabo consiste em fazer todo o possível para impedir as melhores orações. Ele bajulará o maldito hipócrita e mentiroso, alimentando-lhe mil fantasias de atos meritórios, ainda que suas orações e tudo quanto ele faz feda nas narinas de Deus, enquanto se coloca junto do pobre Josué, para resistir-lhe, isto é, para persuadi-lo que nem sua pessoa nem seus atos são aceitos por Deus (Zacarias 3:1). Cuidado, então, com tais falsas conclusões e desânimos injustificados. Embora te assalte pensamentos como estes, longe de se sentir desencorajado por eles, use-os para orar mais sincera e profundamente no espírito, ao chegar-se a Deus.

Em segundo lugar: Da mesma forma que estas tentações repentinas não devem fazer que te abstenhas de orar e derramar tua alma diante de Deus, tampouco as corrupções de teu coração deve servir de impedimento. Talvez encontre em ti tudo o que mencionamos anteriormente, e talvez tais coisas procurem intervir em tuas orações a Ele. A ti cabe, então, julgá-las, orar pedindo ajuda contra elas, e prostrar-se tanto mais humildemente aos pés de Deus, utilizando-se de sua vileza e corrupção como um argumento para implorar a graça que justifica e santifica, em vez de deixar-te abater pelo desânimo e o desespero.

Davi fez: “Perdoe a minha iniquidade, pois é grande” (Salmo 25:11).

E agora algumas palavras de encorajamento.

1. O texto que se encontra em Lucas [capítulo 11] é muito encorajador para a pobre criatura que tem fome de Cristo Jesus. Nos versículos 5, 6 e 7 contam a parábola de um homem que foi ver seu amigo pedir emprestado três pães, que o outro lhe negou porque estava na cama, mas, finalmente, por causa da sua importunação, se levantou e lhe deu o que ele pedia. Isto nos dá a entender claramente que, mesmo que as pobres almas, pela fraqueza de sua fé, não consigam ver que são amigas de Deus, jamais devem deixar de pedir, chamando a Sua porta em busca de misericórdia. Atendem ao que Cristo disse: “Digo-vos que, ainda que não se levante a dá-lhos, por ser seu amigo, levantar-se-á, todavia, por causa da sua importunação”, ou desejos impacientes, “e lhe dará tudo o que houver mister.” [Lucas 11:8]

Pobre coração! Clamas dizendo que Deus não te tem em conta, descobristes que não es Seu amigo, mas, antes, inimigo em teu coração e em suas obras ímpias e te encontras como se ouvira que o Senhor te diz: “Não me incomodes, não posso dar-te” – como na parábola (Lucas 11:1-13) –, mas eu te digo, que chamando, clamando e gemendo; te digo que embora não se levante a dar-te por ser Seu amigo, todavia, por causa da sua importunação se levantará e lhe dará tudo o houver mister. “Se vós, pois, sendo maus, sabeis dar boas coisas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que está nos céus, dará bens aos que lhe pedirem?” (Mateus 7:011).

O mesmo se descobre na parábola do juiz iníquo e da viúva pobre (Lucas 18). A insistência dela lhe venceu. E, certamente, a minha experiência diz-me que não há nada que pese mais diante de Deus do que a importunação. Não é assim em relação aos mendigos que vêm à nossa porta? Apesar de que na primeira petição não tendes o menor desejo de dar-lhes coisa alguma, se continuam a lamentar-se e sem quererem sair, senão com uma esmola, se lhe dá [a esmola]; pois seus contínuos rogos vencem. Acaso

não há afetos em vós, que são maus, e são vencidos por um mendigo importuno? Vá e faça o mesmo. É um motivo que prevalece, e a experiência confirma-o. Levantar-Se-á e te dará tudo o que você necessita.

2. Outra fonte de encorajamento para a alma que treme miseravelmente ao experimentar o seu pecado, é considerar o lugar, trono ou assento em que o grande Deus sentou-se para ouvir as súplicas e orações das pobres criaturas: “o trono da graça” (Hebreus 4:16), “o propiciatório” (Êxodo 25:22), o que significa que nos dias do Evangelho, Deus estabeleceu sua morada na misericórdia e no perdão, e dali se propõe a ouvir o pecador, e falar com ele como diz em Êxodo 25:22: “E ali virei a ti, e falarei contigo de cima do propiciatório.”

Pobres almas! Quão propensas são a ter pensamentos estranhos a respeito de Deus e de Sua provisão para com elas, chegando precipitadamente à conclusão de que Ele não as tem em conta, ainda que esteja em cima do propiciatório, e se sentou ali propositalmente, a fim de poder ouvir e atender às suas orações! Se ele tivesse dito: “falarei contigo desde o meu trono de juízo”, certamente farias bem em tremer e fugir da face da grande e gloriosa Majestade, mas quando disse que ouvirá e falará com as almas desde o trono da graça ou desde o propiciatório, deve sentir-se encorajado e esperançoso, ou melhor, animado a chegar-se confiadamente a Ele para alcançar misericórdia, encontrar graça para socorro em ocasião oportuna (Hebreus 4:16).

3. Existe ainda um outro motivo de encorajamento para continuar em oração a Deus, e é o seguinte:

Além do fato de que há um propiciatório, donde Deus quer falar com os pobres pecadores, também é um fato que, ao lado desse propiciatório está Jesus Cristo, regando-o constantemente com o Seu sangue. Por isso, é chamado de “O sangue da aspersão” (Hebreus 12:24). Quando o sumo sacerdote, debaixo da lei, havia de entrar no lugar santíssimo, onde estava o propiciatório, não poderia fazê-lo sem sangue (Hebreus 9:7).

Por que era assim? Porque apesar de Deus estar sobre o propiciatório, Ele era perfeitamente justo, ao mesmo tempo, também misericordioso. Assim, pois, o sangue havia de impedir que a justiça caísse sobre as pessoas beneficiadas pela intercessão do sumo sacerdote (como se entende em Levítico 16:13-16), pelo qual, toda a indignidade que temos não deve impedir que te achegues a Deus, em Cristo, buscando por misericórdia. Você argumenta que és vil e, portanto, Deus não vai levar em conta a tua oração.

Certamente é assim, se te deleitas em tua vileza, e te achegas a Ele por mera simulação. Porém se derramas teu coração diante dEle compreendendo tua impiedade, desejando com todo o teu coração ser salvo da culpa e limpo da imundície, não temas, sua vileza não fará com que o Senhor tape os Seus ouvidos para não ouvir-te. O valor do sangue de Cristo, que foi aspergido sobre o propiciatório, detém o curso da justiça e abre uma comporta para que a misericórdia de Deus chegue até você. Portanto, tenhas confiança para entrar no Santo dos Santos, pelo sangue de Jesus, o qual consagrou um novo e vivo caminho para ti: não morrerás (Hebreus 10:19, 20).

Além disso, Jesus está lá, não só para borrifar o propiciatório com o Seu sangue, mas que fala, Seu sangue fala. Por isso Deus disse que, se vê o sangue, passará de ti, e a praga não te tocará.

Se, pois sóbrio e humilde; aproxime-se ao Pai em nome do Filho, e conta-lhe teu caso com a ajuda do Espírito Santo, e experimentarás então o benefício de orar com o Espírito e com o entendimento também.

Algumas palavras de repreensão: um triste discurso aos que jamais oram.

“Orarei”, disse o apóstolo; e o mesmo diz o coração dos que são cristãos. Portanto, tu que não oras não és cristão. A promessa diz: “todo aquele que é santo orará a ti” (Salmo 32:6). Por conseguinte, tu que não oras és um ímpio e miserável. Jacó recebeu o nome de Israel lutando com Deus (Gênesis 32), e todos os seus filhos levaram este nome depois dele (Gálatas 6). Mas aqueles que esquecem da oração, que não invocam o nome do SENHOR, são objeto de orações, sim, mas como esta: “Derrama a tua indignação sobre os gentios que não te conhecem, e sobre as gerações que não invocam o teu nome” (Jeremias 10:25). Que te parece isto, a ti que estás tão longe de derramar seu coração diante de Deus, você está dormindo como um cão, te levantas como um bêbado, e se esqueça de invocar a Deus? O que farás quando estiver condenado no inferno, porque não encontrou em teu coração ocasião para pedir o céu? Quem se lamentará com a sua dor, se não crês que vale a pena pedir por misericórdia? Te digo que os corvos, os cães, etc., se levantarão em juízo contra ti. Pois eles, cada um segundo a sua espécie, dão a entender de alguma maneira que querem um refrigerio quando necessitam, porém você não tem coração para pedir o céu, embora te vejas [prestes] a perecer eternamente no inferno.

Sirva isto de censura aos que se ocupam em leviandades, enganando e menosprezando o Espírito Santo, por não buscar a Sua ajuda em oração. O que vocês farão quando Deus pedir contas destas coisas? Vocês têm por alta traição falar uma palavra contra o rei; mas ainda, tremem ante tal pensamento, mas não lhes importa blasfemar contra o Espírito do

Senhor. Será bem-aventurado o vosso fim se tratais de julgar com estas coisas? Enviou Deus o Espírito Santo ao coração do Seu povo tendo como fim que vós lhe ofendam? Isso é servir a Deus? Demonstra isso a reforma de vossa igreja, ou não é, antes o sinal dos reprovados implacáveis? Oh, que horror! Não vos basta condená-los por vossos pecados contra a Lei, mas também vocês têm que pecar contra o Espírito Santo? Será que o Espírito da graça, santo, inocente e puro, promessa de Cristo, Consolador dos seus filhos, sem o qual ninguém pode servir aceitavelmente ao Pai; acaso, digo, há de ser este o fardo de vossa canção: vituperar, escarnecer e zombar dEle? Se Deus mandou a Coré e a seus companheiros diretamente para o inferno por falar contra Moisés e Arão (Números 16), Vocês creem que os que zombam do Espírito de Cristo escaparão impunes? (Hebreus 10:29). Nunca lestes o que Deus fez a Ananias e a Safira, por dizer somente uma mentira contra o Espírito Santo (Atos 5:1-9), e Simão, o Mago por menosprezá-lo? (Atos 8:18-22). E vocês creem que vosso pecado será virtude, ou passará sem punição, a ponto que vos ocupais em murmurar contra Seu ofício, Seu serviço e Sua ajuda, que Ele dá os filhos de Deus? Horrível coisa e menosprezar o Espírito da graça (Mateus 12:31, Marcos 3:29).

Tal como este é o julgamento daqueles que abertamente blasfemam contra o Espírito Santo, em forma de desprezo e negação de sua obra e serviço: assim também é triste para vocês, que resistem ao Espírito de oração, por um modelo da invenção do homem. Um autêntico truque do maligno, que as tradições dos homens deveriam ter melhor estima, e ser mais reconhecidas do que o Espírito de oração. Em que é isto menor do que a abominação maldita de Jeroboão, que impediu a muitos de irem a Jerusalém, o local e modo que Deus ordenara para culto; e por estes meios atraiu tal desagrado da parte de Deus sobre eles, de maneira que até hoje em dia não está abrandado? (1 Reis 12:26-33). Alguém poderia pensar que os julgamentos de Deus de antigamente sobre os hipócritas daquele tempo, faria com que eles ouvissem a estas coisas e tomassem cuidado e temeriam fazê-lo. Ainda os doutores de nosso tempo estão longe de estarem alertados pela punição de outros, pois eles precipitam-se mais desesperadamente na mesma transgressão, a saber, em estabelecerem um instituição de homem, nem ordenada nem recomendada por Deus; e aqueles que não obedecerão o aqui mencionado, devem ser levados tanto para fora da terra ou do mundo.

Deus requereu estas coisas de nossas mãos? Caso Ele o fez, demonstre-nos onde? Se não, como eu estou certo que não, então que maldita presunção é esta em qualquer papa, bispo, ou outro, em ordenar no culto a Deus o que Ele não prescreveu? Não além, não é esta porção apenas da forma, na qual é em muitos textos da Escritura que nós somos ordenados a dizer, mas mesmo todos devem ser confessados como o culto divino a Deus, não obstante estes absurdos contêm em si, os quais devido serem de longe descobertos por outros, eu omito o ensaio deles. Novamente, embora um homem nunca

esteja desejando viver tão pacificamente, ainda que ele não possa, por causa da consciência, reconhece que por uma das mais eminentes partes do culto a Deus, o qual Ele nunca ordenou, embora este homem deva ser visto como faccioso, sedicioso, errôneo, herético – uma depreciação à igreja, um sedutor de pessoas, e o que não? Senhor, o que será o fruto destas coisas, quando pela doutrina de Deus que é imposta, ou seja, mais do que ensinada, as tradições de homens? Assim é o Espírito de oração negado, e a forma imposta; o Espírito é rebaixado e a forma exaltada; aqueles que oram com o Espírito, embora nunca tão humildes e santos, [são] considerados fanáticos; e aqueles que oram com a forma, embora apenas com isto, considerados virtuosos! E como os favorecedores de tal prática responderão à Escritura, a qual ordena que a igreja deve afastar-se daqueles que “Tendo aparência de piedade, mas negando a eficácia dela.” (2 Timóteo 3:5). E se eu dissesse que os homens que fazem estas coisas acima citadas, promovem uma forma de oração que outros homens fizeram, acima do espírito de oração, isto não levaria muito tempo para ser comprovado. Pois aquele que promove o Livro de Oração Comum acima do Espírito de Oração, promove uma de forma feita por homens acima dAquele. Mas, isto fazem todos aqueles que banem, ou desejam banir, aqueles que oram com o Espírito de oração, enquanto eles abraçam e acolhem aqueles que oram apenas pela forma e isto porque eles assim o fazem. Portanto, eles amam e promovem a forma de suas próprias invenções ou de outros, diante do Espírito de oração, o que é a ordenança especial e graciosa de Deus.

Se vocês desejam a pureza da minoria, olhe para as cadeias na Inglaterra, e para dentro das tabernas da mesma; e eu creio que vocês encontrarão aqueles que clamam pelo Espírito de oração na cadeia, e aqueles que buscam apenas a forma das invenções de homens na taberna. Isto é evidenciado também pelo silêncio dos queridos ministros de Deus, embora nunca tão poderosamente capacitados pelo Espírito de oração, se eles em consciência não podem admitir aquela estrutura da Oração Comum. Se isto não for uma exaltação do Livro de Oração Comum acima seja orando pelo Espírito, ou pregando a Palavra, eu tenho tomado minha sinalização por inadequada. Não é agradável para mim, alongar-me nisto. O Senhor por misericórdia converta o coração do povo para buscar mais pelo Espírito de oração, e na força dEle, para derramar as almas diante do Senhor. Apenas deixem-me dizer que isto é um triste sinal, que aquilo que é uma das partes mais eminentes do simulado culto a Deus é Anticristão, quando isto não tem nada a não ser a tradição de homens, e a força da perseguição, para defender e alegar por isto.

Concluirei este discurso com os seguintes conselhos para o povo de Deus:

1. Crê que, tão certo como você está nos caminhos de Deus, você encontrará as tentações.

2. Portanto, espere-as desde o primeiro dia de sua entrada na congregação de Cristo.
 3. Quando chegarem, peça a Deus que te guie e ajude a superá-las.
 4. Vigie cuidadosamente o teu próprio coração para que não te engane contra as evidências do céu, nem em teu andar com Deus neste mundo.
 5. Não te fies das lisonjas dos falsos irmãos.
 6. Não te apartes da vida e do poder da Verdade.
 7. Olhe principalmente para as coisas que se não veem.
 8. Desconfie dos pequenos pecados.
 9. Que a promessa não seja impedida em seu coração.
 10. Renova sua atitude de fé no sangue de Cristo.
 11. Medita na obra de sua regeneração.
 12. Não renunciés correr com aqueles vão na cabeça da corrida,
- A graça seja convosco!

John Bunyan, 1660.

Sola Scriptura!

Sola Gratia!

Sola Fide!

Solus Christus!

Soli Deo Gloria!

Fonte: CimientoSable.org | Título Original: “A Discourse Touching Prayer”

As citações bíblicas usadas nesta tradução foram retirada da versão ACF (Almeida Corrigida Fiel)

Tradução do espanhol e capa por William Teixeira | Revisão por Camila Rebeca Almeida

QUEM SOMOS:

O Estandarte de Cristo é um projeto cujo objetivo é proclamar a Palavra de Deus e o Santo Evangelho de Cristo Jesus, para a glória do Deus da Escritura Sagrada, através de traduções inéditas de textos de autores bíblicos fiéis, para o português. A nossa proposta é publicar e divulgar traduções de escritos de autores como os Puritanos e também de autores posteriores àqueles como Robert Murray McCheyne, Charles Haddon Spurgeon e Arthur Walkington Pink. Nossas traduções estão concentradas nos escritos dos Puritanos e destes últimos três autores. Isto não significa que não fazemos publicação de outros autores, mas que estamos concentrados naqueles já mencionados acima.

O Estandarte é formado por cristãos que buscam estudar e viver as Escrituras Sagradas em todas as áreas de suas vidas, holisticamente; para que assim, e só assim, possam glorificar a Deus e deleitar-se nEle desde agora e para sempre.

- ◆ Contato: OEstandarteDeCristo@outlook.com
- ◆ Visite nossas páginas no Facebook:

www.facebook.com/OEstandarteDeCristo | www.facebook.com/NaoConformistasPuritanos

Um Biografia de John Bunyan



John Bunyan (1628-1688)

John Bunyan nasceu em 1628, em Elstow, próximo a Bedford, filho de Thomas Bunyan e Margaret Bentley. Thomas Bunyan, um caldeireiro ou latoeiro, era pobre, mas não necessitado. Aos dezesseis anos ele perdeu sua mãe e um mês depois sua irmã. No prazo de um mês seu pai casou-se novamente. Bunyan tornou-se revoltado e obstinado, muitas vezes entregando-se à blasfêmia. Mais tarde, ele escreveu: “Era o meu deleite ser levado cativo pelo diabo à sua vontade: estando cheio de toda iniquidade; que desde a infância eu tinha apenas poucos comparáveis (iguais, equivalentes), tanto para amaldiçoar, praguejar, mentir e blasfemar contra o santo nome de Deus”(Obras de Bunyan , ed. George Offor, 1:6).

Pouco temos de sua experiência no exército, porém com dezesseis os ele foi recrutado pelas forças parlamentares para um período de dois a três anos. O testemunho de conversão de João Bunyan é descrito seu livro *Grace Abounding to the Chief of Sinners* (Graça Abundante para o Principal dos Pecadores). Por exemplo, após vir um sermão sobre o dia do Senhor ele voltou para casa um peso no espírito. No entanto, mais tarde ele saiu para ar parte num jogo de “gato”. Quando era sua vez de pegar bastão, ele ouviu uma voz do céu: “você vai deixar seus pecados e ir para o céu ou vai abraçar seus pecados e ir para o inferno?” Ele parou de jogar imediatamente e disse ter visto o Senhor Jesus olhando para ele. Mesmo depois disso ele voltou velho hábito de jogar aos sábados e continuou incrédulo. Posteriormente, ao ouvir mais uma vez algumas mulheres falarem sobre o novo nascimento, ele ficou convicto de seu pecado outra vez. Essas mesmas mulheres apresentaram-no seu pastor, em Bedford, um excelente homem chamado John Gifford. Ele foi o instrumento para levar Bunyan ao arrependimento e à fé.

Após sua dramática conversão, Bunyan dedicou-se à tarefa de pregar o Evangelho. Em 1653, Bunyan tornou-se membro de igreja e um ano mais tarde mudou-se para Bedford com sua esposa quatro filhos, todos com menos de seis anos de idade. Em 1655 tornou-se diácono da igreja e

começou a pregar. Nessa época sua esposa faleceu. Por não ser um ministro ordenado pela Igreja da Inglaterra, ele foi sucessivamente encarcerado por causa de sua atividade de pregação, tendo passado um total de 12 anos na prisão. Em 1660 ele foi preso por pregar, algum tempo antes disso uma jovem mulher piedosa concordou em casar-se com ele. Embora sua segunda esposa cuidasse das crianças, a presença de Bunyan era muito requisitada e casa. Era agonizante, mas ele recusara-se a comprometer sua consciência e preferiu a prisão a concordar com a Igreja da Inglaterra ou parar de pregar. Doze anos de confinamento prisão aconteceram desde os trinta e dois aos quarenta e quatro anos. Ele amava especialmente sua filha cega que ia à prisão para trabalhar com ele, a fim de fazer cadarços sapatos e assim ajudar a alimentar a família.

Na prisão, enquanto ele escrevia muitas de suas melhores obras, sua biblioteca consistia de sua Bíblia, uma concordância e o Foxe's Book of Martyrs (O Livro dos Mártires, por John Foxe). Na ele deu início à sua obra prima mais conhecida: The Pilgrim's Progress (O Peregrino), uma obra magistral e best-seller de todos os tempos, perdendo apenas para a Bíblia. Depois das Escrituras este é geralmente o segundo livro a ser traduzido para outras línguas.

Eventualmente, através da influência e da intervenção de John Owen, Bunyan foi libertado e salvo de mais um longo período na prisão. Como acontecia com John Rogers, de Dedham, uma extraordinária unção acompanhava a pregação de João Bunyan, o qual, dentre todos, era o mais imaginativo, eloquente e atrativo pregador de seu tempo. Seu uso de alegorias era único. John Owen dizia que ele trocaria alegremente todo o seu conhecimento se apenas pudesse pregar como Bunyan. Quando John Bunyan visitou Londres sua pregação atraiu milhares ao invés de centenas.

Quando John Newton (1725-1807), o autor do famoso hino Graça Eterna, refletiu sobre um período extremamente difícil na vida de Bunyan, observou: "O Senhor tem razões, muito além de nossa compreensão, para abrir uma imensa porta, enquanto fecha a boca de um pregador útil. John Bunya não teria realizado metade do bem que fez, se tivesse continuado a pregar em Bedford, em vez de ficar calado na prisão desta cidade por doze anos".

O estilo de escrever de Bunyan é poderoso e a maneira como ele usa o inglês é um prazer para qualquer leitor. Toda obra completa de Bunyan foi publicada pela Banner of Truth Trust em belos volumes ilustrados.

Referências:

HULSE, Erroll. **Quem foram os Puritanos?** ...e o que eles ensinaram. Traduzido por Maria Judith Prada Menga, 1ª edição. São Paulo: PES, 2004. p. 121-125.

BEEKE, Joel; PEDERSON, Randall. **16 Biografias Puritanas**. Extraído de Conheça os puritanos. Disponível: <<http://www.monergism.com/thethreshold/articles/onsite/meetthepuritans/ABriefHistory.html>>. Acesso em: 23 de setembro de 2013.

HAYKIN, Michael. Introdução - John Bunyan (1628 – 1688). In: BUNYAN, John. **Graça Abundante ao principal dos pecadores**. 1ª edição. São Paulo: Editora Fiel, 2012, p. 7-16.